

ANÁLISE DA CONJUNTURA DE TENSÃO ENTRE VENEZUELA E GUIANA

*Mário Brasil do Nascimento*¹

DOI: 10.29327/2283050.15.1-3

Resumo: Este artigo objetiva apresentar a análise da conjuntura de tensão entre a Venezuela e Guiana decorrente da disputa pela região de Essequibo. Após a realização de um referendo junto à população, o Governo da Venezuela adotou ações que suscitaram a hipótese de início de um conflito armado na América do Sul. Após uma reunião promovida pelos países caribenhos, o presidente da Venezuela arrefeceu o ímpeto, todavia a situação se mantém incerta. A instabilidade doméstica venezuelana e o papel das grandes potências devem ser vistas com atenção. Mediante um conjunto de análises, busca-se entender a conjuntura e visualizar cenários futuros possíveis para o conflito, bem com os impactos para o Brasil.

Palavra-Chave: Essequibo; Venezuela; Guiana.

ANALYSIS OF THE TENSION CONJUNCTURE BETWEEN VENEZUELA AND GUYANA

Abstract: This article aims to present an analysis of the tension between Venezuela and Guyana resulting from the dispute over the Essequibo region. After holding a referendum, the Government of Venezuela adopted actions that raised the possibility of the start of an armed conflict in South America. After a meeting promoted by Caribbean countries, the president of Venezuela cooled the momentum, however, the situation remains uncertain. Venezuelan domestic instability and the role of the great powers must be seen carefully. Through a set of analyses, we seek to understand the situation and visualize possible future scenarios for the conflict, as well as the impacts on Brazil.

Keywords: Essequibo; Venezuela; Guyana.

ANÁLISIS DE LA COYUNTURA DE TENSION ENTRE VENEZUELA Y GUYANA

Resumen: Este artículo tiene como objetivo presentar un análisis de la tensión entre Venezuela y Guyana derivada de la disputa por la región del Esequibo. Luego de realizar un referéndum entre la población, el Gobierno de Venezuela adoptó acciones que plantearon la posibilidad del inicio de un conflicto armado en América del Sur, luego de una reunión promovida por los países del Caribe, el presidente de Venezuela enfrió el impulso, sin embargo, la situación sigue siendo incierto. La inestabilidad interna venezolana y el papel de las grandes potencias deben considerarse cuidadosamente. A través de un conjunto de análisis, buscamos comprender la situación y visualizar posibles escenarios futuros del conflicto, así como los impactos en Brasil.

Palabra Clave: Esequibo; Venezuela; Guyana.

¹ Coronel da Reserva do Exército Brasileiro. Doutor em Relações Internacionais pela Atlantic International University.

INTRODUÇÃO

Em 03 de dezembro de 2023, a Venezuela conduziu um referendo consultivo para garantir o apoio ao Governo para a anexação da região de Essequibo, que atualmente se encontra sob o domínio da Guiana. Segundo o Conselho Nacional Eleitoral venezuelano, cerca de 96% dos votos aprovaram a criação do estado da Guiana Essequiba como pertencente à Venezuela. Após o referendo, outras ações já ocorreram como: 1) a publicação de um mapa, pela Venezuela, incluindo Essequibo; 2) a nomeação de um General como governador do Estado da Guiana Essequiba; 3) a autorização para que a empresa estatal Petróleo de Venezuela S.A (PDVSA) distribua licenças de exploração de petróleo na região em litígio; 4) a criação de uma zona de defesa integral da Guiana Essequiba, localizada em Tumereno (na Venezuela); 5) ordem para o estabelecimento de um plano de atenção social para a população de Essequibo, bem como a realização de um censo e entrega de carteiras de identidade para os habitantes (BBC News Mundo, 2023); e 6) ordem para estabelecimento de uma estação naval na Zona Atlântica venezuelana, em Punta Barina (Hernández, 2023).

Em 14 de dezembro de 2023, ocorreu uma reunião entre os presidentes da Guiana e da Venezuela, promovida pela Comunidade dos Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC), em território neutro – São Vicente e Granadinas. Nessa reunião, os presidentes da Guiana e da Venezuela manifestaram a intenção de buscar um consenso na disputa pela região de Essequibo (Quesada, 2023).

Nesse contexto, o objetivo deste artigo é apresentar a análise da conjuntura de tensão entre os dois países litigantes, baseado em instrumentos teóricos de análise, visando identificar o começo de uma crise internacional. Convém observar que, segundo Wilkenfeld e Brecher (2022), as três condições necessárias e suficientes para uma crise internacional são: a ameaça a um ou mais valores básicos do Estado, a ciência da finitude do tempo para uma resposta à ameaça; e a elevada probabilidade de envolvimento em hostilidades militares. O trabalho compreende as seguintes análises: 1) histórica; 2) de relações internacionais; 3) geopolítica; 4) modelo de Brecher e Wilkenfeld (2022); e 5) modelo de interação estratégica, também conhecido como jogo da crise. Pretende-se, também, avançar, de maneira singela, na prospecção do futuro dessa conjuntura de tensão e na verificação de impactos para o Brasil. Há uma limitação para o artigo ligada à dinâmica dos fatos, que poderá trazer mais ou menos tensão à conjuntura existente.

1. DESENVOLVIMENTO

1.1. Análise Histórica

A exploração do território, atualmente denominado Guiana, se deu com os espanhóis no final do século XV. No entanto, em 1648 a Espanha cedeu parte da área aos holandeses, a leste do Rio Orinoco, de acordo como Tratado de Münster. Naquela área, a Holanda estabeleceu as colônias de Pomeroom, Essequibo, Berbice e Demerara. Em 1796, os ingleses conquistaram o controle do território; e, em 1815, as colônias de Berbice, Demerara e Essequibo (que incorporou Pomeroom) foram entregues à Grã-Bretanha, tornando-se Guiana Britânica.

A Venezuela, por sua vez, foi colonizada pelos espanhóis a partir de 1522; e tornou-se independente em 1811.

Em 1814, a Grã-Bretanha assinou o Tratado de Paris com a Espanha, a qual reconheceu a soberania britânica sobre a Guiana. A disputa relativa à região de Essequibo remonta à segunda metade do Século XIX (INTERNATIONAL COURT OF JUSTICE, 2023), quando a Guiana ainda era colônia britânica. Em 1840, a Grã-Bretanha determinou o mapeamento da fronteira da Guiana, incluindo a região de Essequibo. Todavia, em 1844 a Venezuela protestou, alegando que a região fazia parte de seu território.

Em 1890, os Estados Unidos da América incentivaram Venezuela e Guiana a submeterem a disputa territorial a uma decisão arbitral, que resultou no Tratado de Washington, assinado em 2 de fevereiro de 1897. A sentença foi proferida em 1899, estabelecendo que as terras a leste, que se estendem até o rio Essequibo, pertenceriam à Grã-Bretanha. Ademais, foi estabelecida uma comissão anglo-venezuelana para demarcar o limite fronteiro, cujo resultado culminou em 1905 com um mapa oficial de fronteiras assinado por comissários dos dois Estados (International Court of Justice, 2023).

Passados 57 anos, a Venezuela apresentou reclamos ao Secretário-Geral das Nações Unidas, asseverando haver um litígio com o Reino Unido quanto à demarcação de fronteira entre a Venezuela e a Guiana Inglesa. Por seu turno, o Reino Unido rechaçou haver qualquer disputa sobre a questão fronteira, considerada resolvida em 1899, todavia manteve os canais diplomáticos abertos para discussão.

Em face das falhas nas conversações diplomáticas, foi assinado o Acordo de Genebra, que incorporou a Guiana, já independente do Reino Unido, às discussões, com o objetivo de criar uma Comissão Mista para solução de controvérsia. Esse acordo previu que os governos da Guiana e da Venezuela escolheriam um meio de solução pacífica prevista na Carta das Nações Unidas e, caso a Comissão falhasse, a resolução se daria por um órgão internacional adequado aceito por ambos os países ou, na falta dessa concordância, pelo

Secretário-Geral da Nações Unidas. O Acordo de Genebra não logrou êxito em obter uma solução consensuada entre Venezuela e Guiana. Em 1970, foi estabelecido o Protocolo do Porto da Espanha, que também fracassou. Em 1981, a Venezuela denunciou esse último Protocolo, bem como ambos os litigantes não conseguiram concordar na escolha de um órgão internacional para decidir a controvérsia. Dessa forma, o assunto chegou ao Secretário-Geral da ONU, que optou pelo processo de bons ofícios para a solução da disputa. No período de 1990 a 2017, a Secretaria-Geral da ONU não conseguiu chegar a um resultado e, em 2018, o processo foi encaminhado à Corte Internacional de Justiça (CIJ) para uma solução.

A Venezuela contestou a falta da inclusão do Reino Unido no processo de resolução do litígio por parte da Corte Internacional de Justiça, alegação que foi rejeitada pela CIJ. De 2019 até 2023, a Venezuela tem aumentado a ameaça à Guiana, culminando no referendo de 02 de dezembro de 2023, cujo resultado mostra evidências de apoio da população a uma eventual ação militar para anexação da região de Essequibo.

Da síntese histórica do litígio territorial, verifica-se que a disputa territorial com mais de 170 anos pode acentuar a emulação entre a Venezuela e a Guiana; e servir como motivação para explorar o sentimento de nacionalismo bolivariano. Muito embora não haja registros de um conflito armado de alta intensidade entre os dois países, que poderia ter deixado ressentimentos na autoestima venezuelana, deve-se considerar que o tempo dessa relação conflituosa estimula a busca por um resultado favorável pelo reclamante, contribuindo para uma eventual escalada do conflito.

1.2 Análise das Relações Internacionais

Em que pese o sistema internacional ser anárquico, os modelos de polarização do poder contribuem para a estabilidade ou a instabilidade em momentos de tensão entre Estados. Atualmente, o sistema internacional passa por um processo de transição, onde a unipolaridade, anteriormente caracterizada pela hegemonia dos Estados Unidos da América (EUA), tem dado lugar a um sistema híbrido de uni-multipolaridade (Gaiser e Kovač, 2012), tendo os EUA como potência militar global, mas com a presença de outras potências mundiais desafiadoras como a China e a Rússia. Essa situação do sistema internacional, com disputas entre potências mundiais, traz instabilidade para o mundo, uma vez que, de acordo com os interesses, os Estados se alinham a favor ou contra as grandes potências mundiais. No caso da Venezuela, tem-se um alinhamento com a Rússia e a China e, por outro lado, um afastamento dos EUA, que tem resultado em bloqueios econômicos ao

Estado Bolivariano. No contexto da conjuntura de tensão em tela, verifica-se o seguinte:

Tabela 1 – Atores, interesses, objetivos e estratégias

PRINCIPAIS ATORES	PROVÁVEL(IS) INTERESSE(S)	PROVÁVEL(IS) OBJETIVO(S)	PROVÁVEL(IS) ESTRATÉGIA(S)
Venezuela	Anexação territorial da Região de Essequibo.	Aumentar a receita do PIB venezuelano pela utilização dos recursos de Essequibo.	Político-militar
	Exploração dos recursos existentes na Região de Essequibo.		Econômica
	Redução das tensões políticas internas.	Aumentar a coesão interna pela via do nacionalismo.	Política Interna e Informacional
	Eventual negociação com os EUA para redução das restrições econômicas ao país.	Aumentar a capacidade econômica para saída da crise atual.	Diplomática
	Limitação das ações da oposição ao atual governo.	Manutenção do atual governo no poder.	Informacional e Jurídica
Guiana	Manutenção da incolumidade do território guianense.	Garantir a manutenção da soberania.	Diplomática e Militar
	Obtenção do reconhecimento internacional da soberania sobre a Região de Essequibo.	Ganhar força para a solução legal da controvérsia com a Venezuela.	Informacional e Diplomática
	Estabelecimento de alianças com potências que possam garantir a soberania guianense.	Obter a proteção para a população, em virtude da limitação de suas Forças Armadas.	Diplomática
	Promoção da imagem da Venezuela como descumpridora da Carta da Organização das Nações Unidas e a Carta da Organização dos Estados Americanos.	Reduzir a liberdade de ação venezuelana.	Diplomática e Informacional
Brasil	Evitamento de um conflito armado na América do Sul, sobretudo na fronteira Norte do Brasil.	Exercitar a liderança regional, preservando a paz na América do Sul.	Diplomática
	Manutenção da incolumidade do território brasileiro.	Afastar um conflito que possa trazer consequências para o País.	Militar
Estados Unidos da América	Preservação dos interesses das empresas norte-americanas na Guiana, especialmente a ExxonMobil.	Evitar que as empresas norte-americanas, na Guiana, sejam expropriadas ou prejudicadas em seus negócios.	Diplomática e Militar
	Limitação de interferências extrarregionais no hemisfério.	Impedimento que outras nações venham a interferir na situação, mediante apoio à Venezuela.	
Rússia	Engajamento dos EUA em mais um conflito, empenhando recursos econômicos e militares.	Desgastar os EUA e reduzir sua capacidade de interferência sobre os interesses russos, particularmente na Europa Oriental.	Político, Diplomático e Informacional, eventualmente em apoio militar à Venezuela
China		Desgastar os EUA e reduzir sua capacidade de interferência sobre os interesses chineses, particularmente no Mar do Sul da China.	
Suriname	Aproveitamento para renovar a reivindicação da Região de Tigri, delimitada pelos rios Bohem-	Ampliar o território de Suriname	Político e Informacional

	Corentine e Coeroeni.		
ONU	Evitamento de novo conflito militar, agora na América do Sul.	Justificar a relevância da Organização, que passa por momento de descrédito no âmbito internacional.	Diplomático
OEA	Manutenção da paz no Continente Americano.	Justificar a relevância da Organização	Diplomático

Fonte: Autor.

No momento, estão em curso os seguintes processos no sistema internacional, que podem influenciar a conjuntura de tensão, acentuando-a ou arrefecendo-a: 1) a Guerra Rússia-Ucrânia, que se prolonga a quase dois anos, tem acirrado o conflito dos EUA e a Rússia; 2) a Guerra Israel-Hamas, que resultou no apoio norte-americano a Israel, tem empenhado o poder militar norte-americano em mais um Teatro de Operações. A China e Rússia podem aproveitar aquelas situações para ampliar a liberdade de ação em outros continentes com África ou a América. Portanto, um eventual conflito entre Venezuela e Guiana poderia requerer maior engajamento e desgaste dos EUA, favorecendo Rússia e China na Guerra da Ucrânia e no conflito de Taiwan, respectivamente.

1.3. Análise Geopolítica

Em síntese, a Geopolítica estuda as relações existentes entre atores, espaços geográficos apropriados e a disputa de poder. Tradicionalmente, as relações para a disputa do poder são ilustradas pelo jogo de xadrez, considerando o movimento de diversas peças; a tentativa de cada competidor em visualizar os lances do adversário para anulá-los; e projeção dos próprios lances futuros com objetivo de sobrepujar o oponente.

O “tabuleiro local” é moldado pela Venezuela e Guiana. Mas é preciso observar que parte da Região Norte do Brasil (Estado de Roraima), também é passível de ser envolvida em um eventual conflito armado.² Nesse tabuleiro, o território em disputa possui cerca de 160.000 Km² (um pouco menor que o Acre), com predomínio de floresta equatorial, e grande riqueza mineral, caracterizada pela presença de ouro, diamante, cobre, bauxita, ferro, urânio e reservas de petróleo e gás (Ochoa, 2023). Em relação à Guiana, a Venezuela possui um poder militar muito superior, mas em relação ao Brasil a situação é distinta, com desvantagem diante deste último ator. Nesse “tabuleiro local”, o Brasil, conforme previsto em sua Constituição Federal, rege-se pela defesa da paz e solução pacífica dos conflitos (Brasil, 1988).

² Os poderes militares da Venezuela, Guiana e Brasil, segundo o Global Fire Power, respectivamente, são: 1) Venezuela - 52º/145; 2) o poder militar da Guiana é muito pequeno e não figura entre os 145 países analisados; e 3) o Brasil é o 12º/145.

Figura 1 – Mapa do “tabuleiro regional”



Fonte: Wikimedia Commons.

O “tabuleiro regional”, considerado o continente americano, é conformado pelo poder militar e econômico predominante dos EUA. Mesmo na América do Sul, o Brasil se apresenta como um poder de segunda ordem. Sob outra perspectiva, a China tem obtido avanços significativos sobre a América Latina, como por exemplo: 1) na Argentina, a China instalou uma estação para missões de vigilância satelital na Patagônia, assim como conseguiu a adesão do país à Iniciativa Cinturão e Rota em 2022; 2) no Chile, a China investiu mais de 13,2 bilhões de dólares no período de 2013 e 2022; 3) o Equador deve cerca de 5 bilhões de dólares (equivale a 11% do débito total do Equador) à China; e o pretende pagar ao redor de 42% de sua dívida com petróleo; 4) no Peru, a China tem investido quase 10,5 bilhões de dólares no setor mineiro; e recentemente, uma empresa chinesa comprou a importante companhia de energia peruana: Sempra Energia; e 5) a Venezuela permanece como o maior devedor da China com uma dívida estimada em 62 bilhões de dólares (Foreign Affairs Committee, 2022).

O “tabuleiro internacional apresenta uma conformação de poder onde os EUA ainda detêm a hegemonia militar, mas que vem sendo ameaçada pelo crescimento da China. A Rússia, mesmo com a Guerra da Ucrânia, tem se mostrado um ator global relevante, sobretudo quando se associa com outros atores como China, Coreia do Norte e Irã. Portanto, a difusão de poder contribui para a instabilidade mundial e pode, por conseguinte, influenciar no processo envolvendo a Venezuela e a Guiana. O “jogo geopolítico” em curso pode ser sintetizado conforme o quadro a Tabela 2.

Tabela 2 – Jogo geopolítico na conjuntura de tensão: Venezuela e Guiana

PRINCIPAIS JOGADORES (Estados ou Organizações)	PEÇA (Poder empregado)	AÇÃO (Movimento realizado)	RESULTADO ESPERADO
Venezuela	Informacional e Político	Realização do referendo para anexação da Região de Essequibo.	Fomento ao nacionalismo e à coesão em torno de um tema histórico.
		Apresentação do novo mapa da Venezuela.	Demonstração de passos iniciais de concretude das ações decorrentes do referendo.
		Nomeação de um General como responsável pelo criado Estado da Guiana Essequiba da Venezuela; e de uma zona de defesa integral da Guiana Essequiba, com sede em Tumereno.	Promoção de temor na Guiana pela hipótese de ações militares sobre o território em litígio. Cabe observar que, em outubro de 2023, a Guiana questionou o aumento de efetivos militares junto à fronteira, próximos às margens do Rio Cuyuni (CHABROL, 2023).
		Autorização para que a empresa estatal Petróleo de Venezuela S.A (PDVSA) distribua licenças de exploração de petróleo na região de Essequibo.	Promoção de temor na Guiana pela hipótese de exploração econômica da área em disputa.
		Ordem para o estabelecimento de um plano de atenção social para a população de Essequibo, bem como a realização de um censo e entrega de carteiras de identidade para os habitantes.	Demonstração de passos iniciais de concretude das ações decorrentes do referendo.
		Estabelecimento de uma estação naval em Puta Barina, no Atlântico venezuelano.	Promoção de temor na Guiana pela hipótese de ações militares sobre o território em litígio.
	Veiculação de notícia de visita do Presidente venezuelano ao Presidente russo (EXAME, 2023).	Demonstração de possível apoio russo à Venezuela, dissuadindo eventuais interferências dos EUA.	
Político	Internamente, aproveitar a situação para reduzir a oposição ao atual governo.	Impedir o surgimento de lideranças que ameacem o resultado das eleições presidenciais de 2024.	
Guiana	Diplomático	Apresentação a controvérsia territorial ao Conselho Permanente da Organização dos Estados Americanos e o aumento de efetivos militares venezuelanos na fronteira com a Guiana (FERREIRA, 2023).	Constrangimento da Venezuela e demovê-la da intenção de eventual invasão do Essequibo.
	Direito internacional	Solicitação de medidas provisórias à Corte Internacional de Justiça, considerando a realização do referendo de anexação pela Venezuela (CHADE, 2023).	
	Diplomático e Militar	Anúncio da realização de exercícios militares conjuntos entre a Guiana e o Comando Militar Sul do EUA (MATRAVOLGYL, 2023).	Dissuasão para que Venezuela não realize ações militares para eventual invasão de Essequibo.
	Informacional	Declaração que planeja recorrer ao	

		Conselho de Segurança da ONU se a disputa escalar.	
	Informacional	Informação à mídia do apoio brasileiro à Guiana na disputa territorial (UOL, 2023).	Demonstração de apoio de um polo de poder regional para sua causa.
	Informacional	Declaração do Presidente da Guiana em não descartar a instalação de base militar norte-americana para defender Essequibo.	Dissuasão para que Venezuela não realize ações militares para eventual invasão de Essequibo.
	Diplomático	Participação de reunião em território neutro para tentativa de solução pacífica do conflito.	Buscar a solução pacífica do conflito.
Brasil	Diplomático	Envio do Assessor Especial da Presidência à Venezuela para diálogo.	
	Militar	Reforço das tropas na faixa de fronteira Brasil – Venezuela.	Dissuasão para que Venezuela não tente eventual utilização do território brasileiro para acessar Essequibo.
	Diplomático	Envio do Assessor Especial da Presidência para acompanhar a reunião bilateral de Venezuela e Guiana, em São Vicente e Granadinas.	Buscar a solução pacífica do conflito e projetar-se como líder regional.
EUA	Diplomático	Declaração de fortalecimento da cooperação militar entre o Comando Militar Sul e a Guiana.	Dissuasão para que Venezuela não realize ações militares para eventual invasão de Essequibo.
	Militar	Realização de exercícios militares aéreos pelo Comando Militar Sul na Guiana.	
Rússia	Diplomático e Informacional	Declaração pedindo solução pacífica à disputa (GALÃO, 2023).	Não envolvimento militar dos EUA no conflito entre Venezuela e Guiana, particularmente com o estabelecimento de base militar nesse país.
		Declaração da Porta Voz do Ministério da Assuntos Exteriores da Rússia, indicando que o país se opõe a pressões externas e ingerências nos assuntos de países soberanos, principalmente quando envolvem assuntos sensíveis (THE MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE RUSSIAN FEDERATION, 2023).	
China	Diplomático e Informacional	Declaração do Porta Voz do Ministério de Assuntos Exteriores, indicando que a China apoia ambas as nações nos seus esforços para a solução pacífica do conflito	Expansão da sua influência e parcerias econômicas na América do Sul, considerando que a China tem interesses na exploração de petróleo na Guiana; assim como a China é a principal parceira comercial e credora da Venezuela.

Fonte: Autor.

1.4 Análise segundo o modelo de Brecher e Wilkenfeld

O foco da análise incide sobre hipótese de início de uma crise internacional com alta potencialidade de um conflito armado. Para isso, são analisados os seguintes fatores: 1) polaridade do sistema regional e internacional com impacto na situação em tela; 2) a existência de um conflito prolongado; 3) o valor dos interesses em jogo; 4) a balança do poder entre os atores; 5) a distância territorial entre os contendores; 6) a instabilidade doméstica de cada ator envolvido; e 7) o regime político dos Estados litigantes.

A atual polaridade difusa, caracterizada pela ação dos EUA, China e Rússia como principais polos de poder, favorece o início de uma crise pelo fato de inexistir um poder superior com capacidade e interesses em conciliar as disputas em jogo.

O conflito sobre a região de Essequibo dura mais de 170 anos. Esse longo período de rivalidade aumenta a potencialidade de ocorrência de uma crise iniciada por um “gatilho” violento (Wilkenfeld e Brecher, 2022).

Os interesses em jogo são significativos, particularmente pela ameaça à soberania de um país e a identificação do valor econômico da área com reservas de 11 bilhões de barris de petróleo (MADOV, 2023), diversos minerais valiosos (Paredes, 2023) e rica biodiversidade. Assim, maior será a determinação da Guiana para proteger o interesse ameaçado.

No tocante à balança de poder entre a Venezuela e a Guiana, é notório o desequilíbrio em favor do Estado Bolivariano. De acordo com Wilkenfeld e Brecher, um estado alvo mais fraco, como é o caso da Guiana, seria imprudente em recorrer a violência face a um desafio não violento de um adversário mais poderoso. Portanto, a lógica indica que a Guiana tende a buscar outros recursos de poder para se contrapor à ameaça provocada pela Venezuela.

A área em disputa é contígua à Venezuela e à Guiana, aumentando a percepção da ameaça para o Estado mais fraco; e por conseguinte favorecendo um hipotético início de crise.

A conjuntura de tensão entre Venezuela e Guiana pode ser vista como uma oportunidade do atual governo venezuelano de desviar a atenção da opinião pública para a instabilidade doméstica. Em havendo a necessidade de aumento de apoio político interno, cresce a probabilidade de a conjuntura de tensão entre Venezuela e Guiana ser agravada, visando reduzir os problemas internos. Sob a perspectiva da Guiana, ocorre o fortalecimento da coesão nacional para proteger o interesse da manutenção da soberania sobre Essequibo.

Segundo Rummel (1995), a relação conflituosa entre regimes democráticos e não democráticos é mais propensa a iniciar crises internacionais, particularmente porque

regimes não democráticos possuem menos mecanismos de constrangimento a levar em conta como: opinião pública, instrumentos de pesos e contrapesos para o poder executivo e respeito a normas internacionais. Assim, a Venezuela é mais propensa a iniciar uma crise do que a Guiana em face dos poucos limites que o atual regime político venezuelano possui.

Portanto, da análise dos fatores para identificar a potencialidade de início de uma crise, que tenha exiguidade de tempo para uma resposta e possa resultar em um conflito armado, constata-se que há mais aspectos favoráveis do que limitantes ao começo da crise. Contudo, dois fatores devem ser cuidadosamente acompanhados: 1) a evolução da instabilidade doméstica pelo qual a Venezuela passa e a necessidade de o atual governo desviar a atenção da opinião pública; e 2) a influência dos polos de poder sobre a situação para limitar ou facilitar ações operacionais da Venezuela.

1.5 Análise segundo o modelo de interação estratégica

Nesse modelo, verifica-se as expectativas de ganho com a negociação ou com o conflito armado. A Venezuela, ao promover o referendo para anexação de Essequibo, lançou à Guiana um desafio para se pronunciar. A Guiana, se embasou na manifestação da Corte Internacional de Justiça, rejeitando o desafio. Por sua vez, a Venezuela respondeu não reconhecer a competência da CIJ, ao passo que deu publicidade a um novo mapa com o pretense Estado da Guiana Essequiba inserido na Venezuela, além de outras ações que evidenciaram uma intenção de tomar, pela força, o território em disputa. Como resposta, a Guiana buscou apoio de atores internacionais, com destaque para o EUA, que demonstraram estar dispostos a cooperar com a manutenção da integridade da Guiana, inclusive sob a forma de apoio militar. Ademais, gestões do Brasil, da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) e da Comunidade do Caribe (CARICOM) resultaram na reunião entre os presidentes da Venezuela e da Guiana, com pronunciamentos de busca de solução pacífica para o conflito. O custo da decisão do presidente da Venezuela em negociar com a Guiana poderá impactar os objetivos futuros da reeleição em 2024. Logo, a via diplomática poderá dar vez a novas ações venezuelanas para mobilizar a coesão nacional em torno da anexação de Essequibo e da exploração de suas riquezas.

Dessa forma, a não ser que a Venezuela promova alguma ação operacional sobre Essequibo, a conjuntura de tensão deve se manter em um estado de relativo equilíbrio ou de arrefecimento. A eventual ocorrência de operações militares venezuelanas na fronteira com a Guiana poderá, rapidamente, catalisar a conjuntura de tensão entre os dois países em questão.

2. PROSPECÇÃO DE CENÁRIOS E CONSEQUÊNCIAS PARA O BRASIL

A conjuntura de tensão entre a Venezuela e a Guiana, que vinha em processo de agravamento, alcançou um momento de estabilização após a reunião ocorrida em São Vicente e Granadinas. O mandatário da Venezuela indicou estar trabalhando para resolver a controvérsia mediante via diplomática, mantendo a América do Sul como zona de paz (Governo Bolivariano de Venezuela, 2023). Já o presidente da Guiana, dias antes da reunião, disse ter como objetivo: “manter a paz, a estabilidade e o respeito pelo Estado de Direito e a governança”, assim como asseverou não ceder parte alguma de Essequibo à Venezuela ou mudar de posição em relação à soberania do território (Poder 360, 2023).

Dessa forma, como não foi firmado qualquer tratado finalizando definitivamente o litígio sobre Essequibo, a situação atual poderá evoluir. A fim de visualizar eventuais cenários, utilizou-se o mapa de polaridades, considerando dois fatores julgados fundamentais para a evolução da conjuntura de tensão (Figura 2).



Fonte: The Future Toolkit (2017).

Conforme a evolução da situação interna da Venezuela, é possível que a conjuntura de tensão entre a Venezuela e a Guiana volte a escalar, tendo em vista a busca pelo atingimento de objetivos políticos do atual governo venezuelano nas eleições de 2024. Nesse sentido, o papel das grandes potências em constranger ações militares venezuelanas é fundamental. Caso essas potências ampliem as rivalidades em outros continentes, é possível que a América do Sul passe a ser um novo palco da disputa geopolítica, interferindo com a paz no subcontinente.

O conflito entre Venezuela e Guiana trouxe, para o Brasil, alguns impactos. Primeiro, ficou nítida a necessidade de melhoramento das capacidades de defesa do país na porção setentrional, particularmente para dissuadir a Venezuela de uma pretensa aventura de utilizar o território brasileiro para alcançar Essequibo. Verificou-se a insuficiência de meios militares para conter, de imediato, eventuais operações ofensivas cruzando o Estado de Roraima. De pronto, diversas manifestações se apresentaram, buscando a atribuição de culpa. Entretanto, a situação mostrou a necessidade de compreensão da responsabilidade solidária de toda a nação para com sua própria defesa. Em segundo lugar, foi possível perceber o risco de o Brasil perder a possibilidade de exercer sua liderança regional, quando a Guiana clamou por apoio dos EUA para se defender de uma eventual agressão. Na sequência, a situação trouxe, mais uma vez, o alerta quanto a possível manipulação de informações, geração de crises artificiais e riscos à soberania – basta pensar em hipotéticos reclamos para reconhecimento internacional de terras indígenas em áreas de fronteira, seguida por ações militares para apoiar ações informacionais. Em quarto lugar, percebeu-se que outras disputas territoriais na América do Sul podem ser estimuladas a evoluírem para conflitos armados, trazendo o envolvimento dos EUA em mais um cenário de guerra, reduzindo sua capacidade de intervenção em outros teatros de operações. Em quinto lugar, a situação mostrou, mais uma vez, a vulnerabilidade brasileira em termos da dependência energética venezuelana para Roraima. Finalmente, mostrou que com defesa não se deve brincar, pois não há “produtos de prateleira” para serem obtidos e disponibilizados imediatamente quando necessários.

CONCLUSÃO

A controvérsia sobre a soberania de Essequibo esteve estabilizada até pouco tempo, contudo, com a descoberta de grandes reservas petrolíferas, o assunto voltou à agenda da Venezuela. Além disso, em face do momento de instabilidade doméstica e a proximidade das eleições de 2024, o tema retornou com ares para mobilizar a coesão nacional e retornar dividendos políticos para o atual governo venezuelano. A Guiana, sem condições militares de defender sua soberania, tem recorrido à meios diplomáticos, legais e até mesmo de potencial aliança militar com os EUA para garantir o domínio de Essequibo. Diante disso, a Venezuela parece ter retrocedido, momentaneamente, e adotado a estratégia de diálogo com a Guiana. Essa atitude tem um custo interno por, de certa forma, demonstrar um arrefecimento no ímpeto inicialmente demonstrado de anexar Essequibo. Com a aproximação das eleições na Venezuela, espera-se eventual mudança de comportamento com novas ameaças. Ademais, a interferência de grandes poderes globais, como os EUA ou

a Rússia, poderão trazer novos contornos para a conjuntura de tensão, colocando em risco a estabilidade do subcontinente da América do Sul. Cabe ao Brasil muita atenção, considerando seus interesses na região, seja a manutenção da soberania territorial, seja na busca do exercício da liderança regional, evitando ser ultrapassado pelo poder norte-americano.

Referências

BBC NEWS MUNDO. **Maduro ordena crear un estado venezolano y otorgar licencias petroleras en la región del Esequibo controlada por Guyana.** Disponível em <https://www.bbc.com/mundo/articles/c99e4jg8258o#:~:text=BBC%20Extra-,Maduro%20ordena%20crear%20un%20estado%20venezolano%20y%20otorgar%20licencias%20petroleras,del%20Esequibo%20controlada%20por%20Guyana&text=El%20presidente%20de%20Venezuela%20%20Nicol%C3%A1s,regi%C3%B3n%20que%20disputa%20a%20Guyana>. Acesso em 12 dez. 2023.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal. 2016. 496 p. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf. Acesso em 13 dez. 2023.

BRECHER, Michael; WILKENFELD, Jonathan. **A Study of Crisis.** Univeristy of Michigan Press. 2022. Project MUSE, <https://doi.org/10.1353/book.101571>.

CHABROL, Denis. **Guyana asks Venezuela to explain troop buildup; informs international, regional partners.** Disponível em <https://demerarawaves.com/2023/10/18/guyana-asks-venezuela-to-explain-troop-buildup-informs-international-regional-partners/>. Acesso em 13 dez. 2023.

CHADE, Jamil. **Corte de Haia dá vitória à Guiana e concede limitar contra voto de Maduro.** Disponível em <https://noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2023/12/01/corte-de-haia-da-vitoria-a-guiana-contra-referendo-promovido-por-venezuela.htm>. Acesso em 14 dez. 2023.

EXAME. **Maduro vai visitar Putin na Rússia em meio à crise da Venezuela com Guiana.** Disponível em <https://exame.com/mundo/maduro-vai-visitar-putin-na-russia-em-meio-a-crise-da-venezuela-com-guiana/>. Acesso em 13 dez. 2023.

FERREIRA, Gonzalo. **Guyana acusó a Venezuela ante la OEA de haber “aumentado considerablemente sus fuerzas militares” en la frontera.** Disponível em <https://www.infobae.com/america/america-latina/2023/11/01/guyana-acuso-a-venezuela-ante-la-oea-de-haber-aumentado-considerablemente-sus-fuerzas-militares-en-la-frontera/>. Acesso em 14 dez. 2023.

GAISER, Laris; KOVAČ, Igor. From Bipolarity to Bipolarity: International Relations Repeating Again. **Journal of Global Policy and Governance.** p. 49-63 <https://doi.org/10.1007/s40320-012-0004-1>. 2012.

GALÃO, Fábio. **Aliada da Venezuela, Rússia pede “solução pacífica” para disputa com a Guiana.** Gazeta do Povo. Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/aliada-da-venezuela-russia-pede-solucao-pacifica-para-disputa-com-a-guiana/>. Acesso em 14 dez. 2023.

GOVERNO BOLIVARIANO DE VENEZUELA. **Presidente Maduro: Valió la pena defender la verdad y buscar con la diplomacia de paz el camino del diálogo.** Disponível em presidencia.gov.ve/Site/Web/Principal/paginas/classIndex.php Acesso em 18 dez. 2023.

GOVERNMENT OFFICE FOR SCIENCE. **The future toolkit. Tools for Futures Thinking and Foresight Across UK Government.** 2017. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/674209/futures-toolkit-edition-1.pdf. Acesso em: 09 nov. 2022.

HERNÁNDEZ, Carlos E. **Venezuela establece un apostadero naval en la fachada Atlántica.** Infodefensa.com. Disponível em <https://www.infodefensa.com/texto-diario/mostrar/4639340/venezuela-establece-apostadero-naval-fachada-atlantica>. Acesso em 13 dez. 2023.

INTERNATIONAL COURT OF JUSTICE. **Arbitral Award of 3 October 1899 (Guyana v. Venezuela): Summary of the Judgement of 6 April 2023.** Disponível em <https://www.icj-cij.org/sites/default/files/case-related/171/171-20230406-SUM-01-00-EN-1.pdf>. Acesso em 05 dez. 2023.

FOREIGN AFFAIRS COMMITTEE. **China Regional Snapshot: South America.** 2022. Disponível em <https://foreignaffairs.house.gov/china-regional-snapshot-south-america/>. Acesso em 12 dez. 2023.

MADOV, Natasha. **Essequibo: o petróleo e os interesses dos EUA na disputa entre Venezuela e Guiana.** Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/czv2j5wgg41o#:~:text=Desde%202015%2C%20a%20Guiana%20descobriu,que%20mais%20cresce%20no%20mundo>. Acesso em 18 dez. 2023.

OCHOA, Natalia. **¿Qué es el Essequibo y por qué Venezuela lo reclama?** El Orden Mundial. Disponível em <https://elordenmundial.com/que-es-essequibo-por-que-venezuela-reclama/>. Acesso em 13 dez. 2023.

PAREDES, Norberto. **Venezuela: as riquezas da região da Guiana que Maduro quer anexar.** BBC News Brasil. 2023. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0k29pdkypxo>. Acesso em 18 dez. 2023.

PODER 360. **Discussões sobre Essequibo continuam, diz Venezuela.** 2023. Disponível em <https://www.poder360.com.br/internacional/discussoes-sobre-essequibo-continuum-diz-maduro/> Acesso em 18 dez. 2023.

QUESADA, Juan Diego. **Venezuela and Guyana agree not to resort to arms to settle Essequibo dispute.** El País. Disponível em <https://english.elpais.com/international/2023-12-15/venezuela-and-guyana-agree-not-to-resort-to-arms-to-settle-essequibo-dispute.html>. Acesso em 15 dezembro de 2023.

RUMMEL, R. J. Democracies are Less Warlike Than Other Regimes. **European Journal of International Relations.** p. 457-479. <https://doi.org/10.1177/1354066195001004003>.

THE MINISTRY OF FOREIGN AFFAIRS OF THE RUSSIAN FEDERATION. **Foreign Ministry Spokewoman Maria Zakharova's comment of Venezuela-Guyana dispute over Essequibo's status.** Disponível em https://mid.ru/en/foreign_policy/news/1919851/?lang=en. Acesso em 14 dez. 2023.

UNIVERSO ONLINE. Internacional. **Presidente da Guiana diz que Lula garantiu apoio ao país.** Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2023/12/07/presidente-da-guiana-diz-que-lula-garantiu-apoio-ao-pais.htm>. Acesso em 14 dez. 2023.

WILKENFELD, Jonathan; BRECHER, Michael. **A Study of Crisis.** University of Michigan Press. Project MUSE. 2022. Disponível em <https://doi.org/10.1353/book.101571>. Acesso em 5 dez. 2023.

_____. **A Study of Crisis.** University of Michigan Press. Project MUSE. 2022. Disponível em <https://muse.jhu.edu/chapter/3190064#figIV.13> Acesso em 18 dez. 2023.

Recebido em 2023-12-23.

Publicado em 2024-04-03.